

PARA COMEÇAR, MEUS CINCO ANOS

Naiane Vieira dos Reis¹

Antes, todos os dias, eu ia ver a professora dos grandes dar aulas bonitas, cheias de textos no quadro. Coisa mais bonita era escrever tudinho e ir apagando em partes.

- Gente, vocês precisam praticar caligrafia. Estão muito lerdos para copiar.

Eu lia tudo, apertada pela ligeireza da escrita da professora. E praticava caligrafia.

- Professora Deuza, posso ler?

- Mas você nem é estudante ainda, Naiane. Vá para casa brincar.

Eram as 3^a e 4^a séries. Era bonito de ver. Só inteligente era quem lá estudava. Eu sonhava com a 3^a série. Seria importante se chegasse à 3^a série.

À 4^a série não! A Lúcia fazia a 4^a série e só ela tinha inteligência para aprender tudo aquilo. Era a série máxima que alguém poderia estudar.

- Naiane, você também fará a 4^a série. Espere o tempo.

Que tempo? Lucia me amava com seus olhos. Tão inteligente, mas não percebia que só ela é quem faria uma coisa tão de gente importante como era a 4^a série.

* * *

Comecei a estudar com a professora do Pré, 1^a e 2^a séries. “Hoje em dia está tudo mudado, muito rápido. As crianças estudam pouco e por isso não aprendem”, reclamavam sabidamente os que entendiam serem necessários o Pré 1, 2 e 3 para aprender as letras direito.

No caminho de casa para a escola, menos de 100 miúdos passos, fui me engrandecendo. Seria tão importante e inteligente quanto as outras crianças. Quis até chorar.

Com muito medo da professora Sol, muito sabia, tinha até a 3^a série, fui tentando provar que naquela escola merecia estar. Mas o dia ficou tão cinza que me embaralhava as ideias.

- Augustim, dê seus livros da 1^a série para Naiane que você ainda não sabe ler.

¹ Doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Tocantins, UFT. Desenvolve pesquisas em semiótica, literatura e gênero. Escreve contos. E-mail: naianevieira@hotmail.com

Augustim era maior que o pai, com o sorriso mais bondoso. Passava tanto tempo entre juquiras e rebanho de gado que não estudara que desse. Jamais acertava a prova difícil de adivinhar a letra escolhida por um sofisticado mecanismo de ditado: uma página em branco, com um pequeno buraco, repousava sobre uma letra do alfabeto, que dizia se tínhamos ficado inteligentes ou não.

Aquele ato da professora dizia mais sobre Augustim do que sobre mim. Sabia que no ano seguinte teria que trocar meus livros novos pelos mesmo que estudara, pois aprender era difícil.

Um tanto de texto que me parecia pôr à prova. Eu li todo o livro de uma vez para descobrir se não iria aprender. Mais da metade era composta pelo alfabeto com as sílabas.

Ga Go Gu – Era engraçado!

Ge Gi – Era engraçado!

Ba Be Bi Bo Bu Bão – Era engraçado!

Em cada quadradinho havia letras escritas de quatro maneiras diferentes: maiúscula, minúscula, de fôrma e cursiva.

O de Estudos Sociais certamente daria mostras de minha não inteligência. “Marque o X nos eletrodomésticos que existem na sua casa” (o livro era tão bobo que não sabia que casa só poderia ser com Z). Sei nem o que que é isso! E chorei muito porque para todas as perguntas eu não tinha respostas.

* * *

- Seu Jonas, vá lá em casa que Lúcia caiu e não acorda mais – chamavam meu pai que acudisse com o carro para levar até a cidade para cuidados de hospital.

Novamente o dia acinzentou. Pai e mãe chegaram em casa passada uma noite, assustados. Lúcia tinha um revestrés na cabeça. Só por Deus sobreviveria. 14 dias depois, Lúcia levou embora meu sonho da 4ª série que mal nascera, mas já agonizava.

*Recebido em 15 de março de 2018.
Aprovado em 20 de julho de 2018.*